

Razões de otimismo

RUBEM MEDINA*

Não se trata de puro ufanismo: há razões concretas para acreditar na forte recuperação da economia brasileira no ano 2000, porque essa recuperação já começou e porque o crescimento das exportações puxará o crescimento da produção.

A safra gigante de grãos, a plena recuperação das linhas de crédito comercial e os acordos de exportação de importantes segmentos industriais (produtos automotivos, papel e celulose, aço e outros) garantem a elevação das exportações e geração de superávit. Duas razões explicam por que não tivemos em 1999 uma elevação forte nas exportações: a desarticulação das relações comerciais de produtores brasileiros com importadores do exterior, em razão de termos, durante alguns anos, reduzido o grau de prioridade para as exportações; e a descrença internacional na contenção da inflação brasileira. Como poderiam os parceiros comerciais confiar no Brasil se havia o risco de volta da inflação galopante, capaz de desorganizar nossa economia e descontinuar a produção?

O Brasil sempre foi conhecido no exterior como um país que não levava a sério o processo inflacionário, ignorando os efeitos sociais negativos, e preferindo adotar soluções de convivência com a alta continuada dos preços. Para surpresa internacional, não se efetivaram as previsões pessimistas que apontavam para a volta da inflação galopante. Em países que viveram desvalorizações cambiais equivalentes à do Brasil – como o México (-69%) e Coréia do Sul (-66%) –, o produto teve quedas acentuadas, ao longo dos 12 meses seguintes à crise, ao passo que nós tivemos o produto estabilizado ou ligeiramente crescente em 1999.

Os últimos meses de 1999 já incorporaram o novo ano e, para começar, as empresas não estão prevenindo a tradicional redução de atividades do primeiro trimestre. Temos de recuperar o tempo perdido. Ficarão para o ano 2000 um valioso aprendizado de convivência com a competição externa, de sintonia com a evolução permanente, que está caracterizando o tempo que vivemos, e a conscientização de que as questões sociais devem merecer permanentes cuidados. Deve ser também considerada na previsão para o ano 2000, o início da abertura aos capitais do exterior do mercado de futuros agrícolas. Isso significa que, por exemplo, importadores ou fundos de commodities poderão investir antecipadamente no mercado agrícola brasileiro através da BM&F. Isso ensejará um fluxo de financiamentos externos para modernizar o campo brasileiro e contribuir para um desempenho crescente da produção rural.

Nesse contexto de fatores qualitativos para o desempenho do Brasil no ano 2000 não deve ser esquecida a forte correção ética que ocorre no país. Essa sensação de justiça e responsabilidade é, sem sombra de dúvidas, um ingrediente útil para motivar a iniciativa e o trabalho dos empresários e trabalhadores. O Brasil não aceita mais as teses de crescer o bolo antes para dividir depois, preferindo exigir que essa “divisão” seja efetivada simultaneamente com o crescimento, através de investimentos em educação, saúde, saneamento básico, habitação popular e outros itens de repercussão social acentuada.

*Deputado federal (PFL-RJ), economista